

Lenda viva. Ao vencer a maratona olímpica feminina, em Seul 1988, Rosa Mota entrou para a história do desporto nacional. Em janeiro, uma peça de teatro evocou as suas façanhas, e a própria atleta subiu ao palco.



Finalmente! Só após 20 de anos de esforços Portugal conseguiu ter uma participação feminina nas Olimpíadas. Foi em Helsínquia 1952, numa edição que ficaria marcada pela figura extraordinária de Emil Zatopek, que ganhou as três provas de fundo.

Jogos memoráveis

Os Jogos de estreia do desporto feminino português ficaram célebres pela participação de um homem invulgar: Emil Zatopek, atleta da Checoslováquia, tornou-se o primeiro homem, e único até hoje, a vencer, numa só edição, as três provas de fundo, os 5000 e os 10 mil metros e a maratona! Por isso, ficou conhecido como a “locomotiva humana” e entrou para a galeria das figuras lendárias dos Jogos Olímpicos. Nesses Jogos de 1952, Portugal ganhou uma medalha: de bronze, na vela (classe Star), através de Joaquim Mascarenhas Fiúza e Francisco Rebelo de Andrade. Entre as mulheres, já com boa participação nestes Jogos, vale a pena referir o domínio da União Soviética na ginástica, projetando para o estrelato a sensacional Maria Gorokhovskaya, que ganhou sete medalhas. Em 2000, então emigrada em Israel, ainda apareceu em selos russos, devido às suas conquistas olímpicas.

Mulheres portuguesas nos Jogos

Rosas OLÍMPICAS

As atletas nacionais só chegaram aos Jogos Olímpicos meio século depois das primeiras guerreiras: três ginastas abriram o caminho em 1952, numa viagem de afirmação abrilhantada pelas medalhas de Rosa Mota, Fernanda Ribeiro e Vanessa Fernandes.

Quando, em 1984, em Los Angeles, Rosa Mota cruzou a meta da maratona no terceiro lugar, conquistando a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos, estava consumada mais uma etapa na afirmação das mulheres portuguesas na competição olímpica e no desporto em geral. Pela primeira vez, uma mulher portuguesa ganhava uma medalha nos Jogos Olímpicos, 32 anos depois das pioneiras Dália e Natália Cunha e Maria Laura Amorim. Depois dela, também Fernanda Ribeiro e Vanessa Fernandes entraram para o restrito lote das medalhadas, dando mais significado a uma luta pela igualdade de direitos que, em pleno século XXI, ainda não está totalmente vencida. É dessa luta, também travada historicamente na maior competição desportiva do mundo, que se dá conta nas linhas que se seguem.

Em 2012, nos Jogos de Londres, houve pela primeira vez mulheres participantes em todas as competições, algo que era impensável para o barão Pierre de Coubertin, fundador das Olimpíadas da era moderna: “Senhoras nos Jogos? Nem pensar. Seria inestético e indecoroso! Para elas a graça, as sombrinhas, o lar, o encanto dos filhos, jamais o desporto. Uma

olimpíada feminina não seria prática, nem interessante, nem estética, nem coerente, seria indecorosa!” Com estas afirmações, Coubertin conseguiu impedir a participação feminina nos Jogos de 1896, mas nos seguintes (Paris 1900) já não evitou que, em plena época de liberalismo, fosse permitida a participação extraoficial de 22 mulheres, em algumas provas sem contactos físicos, como o golfe e o ténis. As vencedoras não tiveram medalhas nem coroas de oliveira, apenas certificados. O grande símbolo dessa afirmação foi a britânica Charlotte Cooper, que venceu o torneio de ténis e ficou para a história como a primeira campeã olímpica.

Certo é que as mulheres foram ganhando gradualmente o seu espaço, e até em Portugal se deram tímidos passos, mesmo no campo do desporto e, mais propriamente, no olímpico: em novembro de 1932, imagine-se, uma mulher conseguiu integrar o Conselho Técnico do Comité Olímpico Português! Maria Luísa Correia Freitas Branco de Herédia, representante de uma família com fortes laços à história do desporto em Portugal (e não só) conseguiu levar a presença feminina ao COP, numa nomeação histórica que também incluiu a campeã de ténis Angélica Plantier.



Esforço inglório. As primeiras atletas portuguesas a participarem nos Jogos eram ginastas: as irmãs Dália e Natália Cunha (à esquerda e à direita) e Maria Laura Amorim. Com elas, surge na foto o seu treinador, o alemão Joseph Sammer, com quem Dália acabaria por casar.



Multidisciplinares
Dália e Natália Cunha
(à direita) praticaram
diversas modalidades.



Charlotte Cooper foi a primeira campeã olímpica, mas não teve direito a medalha.

► A posição secundária da mulher refletia-se no acesso ao desporto

Num texto então publicado, Maria Luísa de Herédia congratulava-se com a situação e propunha-se levar portuguesas aos Jogos de 1936: “Nos passados Jogos Olímpicos, quase todos os países apresentaram concorrentes femininos, e até mesmo uma numerosa falange. Porque não há-de suceder o mesmo a Portugal, país privilegiado pela sua situação no globo (...)? É necessário demonstrar perante o mundo que as raparigas portuguesas são saudáveis, são bem constituídas, são destros na cultura física e desportos!” (texto citado em *100 Anos de Olimpismo*, de Carlos Paula Cardoso).

Porém, e apesar dos apoios e incentivos que logo surgiram, de vários lados, só vinte anos depois Portugal enviaria mulheres atletas aos Jogos Olímpicos. Em 1952, caminhava-se rapidamente para um equilíbrio no grande acontecimento: 40 por cento de participação feminina, com 519 mulheres.

Portugal vive, então, em pleno Estado Novo. Em 1948, Maria Lamas escrevera *As Mulheres do Meu País*, notável testemunho sobre a

forma de vida das portuguesas, sobretudo em ambiente rural e afastado das novidades da cidade. As mulheres ainda não podiam votar, e publicavam-se guias para domésticas, que mantinham a tradição da mulher como escrava do lar. Participavam em campanhas de alfabetização, numa década em que Fátima se tornava o maior local de peregrinação religiosa do mundo. Era a década das comédias de Laura Alves, e em que Amália Rodrigues surge em cartazes fazendo publicidade a um sabonete.

Em 1951, realiza-se o primeiro rali feminino do Estoril, uma manifestação da emancipação feminina. O período foi descrito com algum pormenor no livro *Deusas e Guerreiras dos Jogos Olímpicos*, de Isabel Cruz, Paula Silva e Paula Botelho Gomes: “A posição secundária das portuguesas refletia-se, de forma acentuada, no acesso ao desporto e, nomeadamente, à prática de determinados desportos que não fossem conformes à ordem social estabelecida: uma mulher forte e saudável apta para a criação de gerações futuras e remetida ao papel

de dona de casa exemplar. A Mocidade Portuguesa Feminina, responsável pela organização desportiva nas escolas, não incluía as ‘competições ou exibições de índole atlética, os desportos prejudiciais à missão natural das mulheres e tudo o que possa ofender a delicadeza do pudor feminino’. Em agosto de 1952, uma portaria estabelecia que todas as peças do uniforme de ginástica da Mocidade Portuguesa deviam ser brancas.”

AS IRMÃS CUNHA

Foi neste cenário que Portugal enviou pela primeira vez representantes femininas aos Jogos Olímpicos, em Helsínquia, 40 anos depois da estreia do país na grande competição e 52 depois de, em Paris, atletas femininas terem participado pela primeira vez. As três mulheres, Dália Vieira Cunha, Maria Laura Amorim e Natália Cunha e Silva, eram ginastas, do Ginásio Clube Português (GCP), uma realidade que tinha muito a ver com as possibilidades de prática desportiva de que então desfrutavam as mulheres, limitadas a poucos desportos, um dos quais a ginástica, de que o GCP era um dos baluartes.

As três ginastas integraram uma comitiva de 79 atletas, e tinham justificado plenamente a presença, pois estavam no topo da moda-

lidade, que praticavam desde muito novas. Dália e Natália eram irmãs, nascidas em Lisboa, e tinham um progenitor fanático pelo desporto, que jogava rãguebi e praticava natação, atletismo e tiro. Hélder Cunha era dono de uma casa de medalhas e condecorações na Baixa lisboeta, e orgulhava-se mesmo de ser o fornecedor da rainha Juliana da Holanda. Em novo, fora a pé do Porto a Paris! Aos fins de semana, organizava passeios com os empregados, a mulher e as filhas, e desafiava estas, de seis e sete anos, a alcançarem dois tostões que colocara no topo de um poste, na casa no Chiado.

Assim, não espanta que as filhas se tenham tornado excelentes atletas. Dália destacou-se quando venceu uma corrida de sacos no Jardim Zoológico de Lisboa, e aos nove anos começou a competir em provas de tiro ao alvo, ao mesmo mesmo que ia ganhando medalhas no atletismo; corria, lançava o peso, nadava, fazia equitação, praticava patinagem...

As duas irmãs entraram na equipa de atletismo do Sporting em 1946, e Dália foi campeã de Portugal no lançamento do peso, e campeã de Lisboa nos 80 metros barreiras, salto em altura e lançamento do peso; em 1948, bateu um *record* nacional de lançamento do peso (9,73 metros) que duraria 12 anos.

As precursoras

Em 1896, quando se realizou em Atenas a primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna, a participação foi vedada às mulheres, por imposição do barão Pierre de Coubertin, mas houve pelo menos uma mulher que se revoltou contra isso: Stamati Revithi, uma grega, decidiu, em protesto, correr a maratona fora do estádio, no dia seguinte à realização da prova. Completou o percurso em cerca de quatro horas e meia, marca melhor do que a de muitos homens, mas o Comité Olímpico Internacional não reconheceu o seu feito. Stamati fazia aqui, de alguma forma, a ligação com a Antiguidade, quando também as mulheres eram proibidas de participar. Porém, existe o registo de uma mulher grega que participou, em 268 a.C., na 128.ª olimpíada: Belistiche, assim se chamava esta precursora, da Macedónia, participou e venceu a prova da quadriga (um carro puxado por quatro cavalos). Antes dela, há registos sobre uma mulher nos Jogos, uma princesa espartana chamada Kyniska, que conseguiu que os seus cavalos competissem na prova da quadriga (392 a.C.); porém, não terá conduzido ela própria a quadriga.

Depois da participação de Belistiche, os gregos instituíram os Jogos Heranos (em honra da deusa Hera, protetora das esposas e mães), só para mulheres, e que tinham apenas uma prova: uma corrida de 162 metros. Com a dominação romana, tanto os Jogos Heranos como os Olímpicos foram proibidos.

Na era moderna, e depois do protesto de Stamati Revithi, as mulheres foram gradualmente ganhando o seu espaço a partir de 1900 (em Paris, a britânica Charlotte Cooper, no ténis, foi a primeira vencedora, embora não tivessem sido atribuídas medalhas), também muito por ação da francesa Alice Melliat, que em 1917 fundou a Federação Desportiva Feminina Internacional, a qual organizou uns Jogos Olímpicos Femininos em 1922, 1926, 1930 e 1934. Face ao sucesso deste movimento, o COI viu-se forçado a integrar as mulheres, mas só as reconheceu oficialmente como atletas olímpicas em 1936, em Berlim.

Momentos históricos

A partir de então, registou-se uma crescente afirmação da mulher no movimento olímpico:

Em **Tóquio 1964**, a ginasta ucraniana Larisa Latynina subiu pela 18.ª vez ao pódio, sendo até hoje a atleta mais me-

dalhada dos Jogos (nove ouros!). Em **México 1968**, a barreirista mexicana Enriqueta Basilio de Sotela tornou-se a primeira mulher a acender o facho olímpico.

Em **Munique 1972**, o número de atletas femininas ultrapassou finalmente a histórica barreira dos mil (1058), e a alemã Liselott Linsenhoff tornou-se a primeira mulher a vencer uma competição contra homens, em adestramento.

Em **Montréal 1976**, a ginasta romena Nadia Comaneci recebeu nota 10 de todos os jurados, algo tão inesperado que o *placard* não estava preparado para exibir todos os dígitos da nota: no lugar de 10,00, apareceu 1,00!

No início da década de 80, foram eleitas as primeiras mulheres para membros do COI (a finlandesa Pirjo Haggman e a venezuelana Flor Isava-Fonseca).

Em **Los Angeles 1984**, a marroquina Nawal El Moutawakel tornou-se a primeira campeã olímpica africana e muçulmana, nos 400 metros barreiras. O rei de Marrocos decretou que todas as meninas nascidas naquele dia se chamariam Nawal. Também em 1984, a neozelandesa Neroli Fairhall foi a primeira mulher paraplégica a participar, no tiro com arco.

Em 1996, entrou em vigor um novo texto na *Carta Olímpica*, dando igualdade de direitos às mulheres: “A missão do COI é promover o Olimpismo pelo mundo e dirigir o Movimento Olímpico. O COI deve apoiar e encorajar a promoção das mulheres no desporto, a todos os níveis e em todas as estruturas, com o objetivo de alcançar a igualdade entre homens e mulheres.”

Eles, elas... e os outros

Um caso muito invulgar aconteceu nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, em pleno consulado de Hitler: um atleta alemão participou como mulher, na prova de salto em altura: Heinrich Ratjen, nascido menino, foi toda a vida tratado como menina, sob o nome de “Dora”. Nessas condições participou nos Jogos, mas mesmo assim não conseguiu chegar às medalhas, ficando em quarto lugar. Dois anos depois, contudo, venceu a medalha de ouro nos Campeonatos da Europa, batendo mesmo o *record* mundial. Nesse ano, porém, a situação foi descoberta: o seu nome foi mudado para Heinz, perdeu a medalha e a “Dora” foi apagada dos registos.

Caso diferente foi o da espanhola María Patiño, vítima do crescente rigor nos testes cromossómicos e exames de ADN feitos pelo COI no sentido de assegurar o sexo dos atletas. Em María Patiño, foi descoberta a presença de um cromossoma Y, assim como que não tinha útero nem ovários. A espanhola era um raro caso de intersexo, no qual a anatomia corporal se caracteriza por um estado intermédio entre o masculino e o feminino, algo para o que, pelos vistos, a sociedade não estava preparada: Patiño perdeu os títulos, foi impedida de competir e viu os seus apoios financeiros interrompidos. Expulsa da equipa olímpica de Espanha em 1986, travou uma batalha intensa e recuperou o direito a competir nas qualificações para Barcelona 1992 (100 metros barreiras). Falhou por apenas um centésimo de segundo.

Caso semelhante e mais recente foi o da sul-africana Caster Semenya, campeã do mundo nos 800 metros: testes realizados em 2009 provaram uma anomalia cromossómica, e que não tinha ovários mas sim testículos internos. Após grande polémica sobre as suas condições para participar nas competições, em 2010 a Federação Internacional de Atletismo aceitou as conclusões de um grupo de médicos segundo as quais Semenya poderia competir como mulher, sem limitações. Caster estará no Rio de Janeiro como uma das grandes candidatas à medalha de ouro.



Raras. Além de Rosa Mota, Fernanda Ribeiro e Vanessa Fernandes (página oposta) são, até agora, as únicas atletas portuguesas com medalhas olímpicas.

► Para os Jogos do Rio de Janeiro, já estão garantidas 14 mulheres

Natália sempre a secundou, inclusivamente quando a ginástica passou a ser o seu desporto privilegiado, muito por ação de um alemão, Joseph Sammer, que trocara Veneza pelo GCP. Nos seis meses anteriores aos Jogos Olímpicos, Sammer treinou as oito melhores raparigas que selecionara na aula de ginástica educativa, com uma dureza a que não estavam habituadas. Dália, que já tivera uma professora alemã, no Ateneu, com quem fizera paralelas assimétricas, exercícios de acrobática e saltos de mesa alemã, estranhou mas... mais tarde acabou por casar com Sammer!

Numa reportagem publicada em 2012 na revista *Visão História*, e assinada por Rosa Ruela, Dália, então com 83 anos, lembrava com humor as suas façanhas: fazia voos à Léotard, passando de um trapézio para outro, como no circo, e às vezes sem rede: “Uma destravada. Só me faltou saltar de paraquedas.” Nessa reportagem, Rosa Ruela encontra Dália em Torres Vedras, após mais de uma década passada em Moçambique, e conta que, até poucos anos antes, a ex-ginasta ainda acendia a luz do patamar com o pé... Ela e Joseph Sammer ainda foram, durante alguns anos, professores de ginástica na Associação Física e Desportiva de Torres Vedras.

PORTA ABERTA

As duas irmãs também praticaram atletismo e tiro, até chegarem à ginástica. Estavam, tal como Laura Amorim, bem cotadas no cenário desportivo português, mas em Helsínquia acusaram os muitos anos de atraso do desporto feminino nacional. Dália ficou no 109.º lugar (entre 134 participantes), Maria Laura Amorim no 124.º e Natália no 133.º. “As outras [ginastas] já faziam [os exercícios] há uma data de anos, levavam pianista, massagista, maquilhadora...”, explicou Dália, na reportagem da *Visão História*.

Depois de Helsínquia, Dália ainda voltou aos Jogos, em 1960, em Roma, onde voltou a ficar no 109.º lugar. Foi ainda campeã de ciclismo, patinadora, praticante de saltos acrobáticos... Era a mais popular desportista portuguesa: participou na primeira Volta a Portugal em automóvel e teve aulas de pilotagem de aviões, situação em que escapou à morte por um quase milagre, quando um acaso a impediu de embarcar num avião que a seguir se despenharia...

Pode pensar-se que, a partir de Helsínquia 1952, a presença de mulheres portuguesas nos Jogos se tornasse um hábito, mas de facto não aconteceu assim: em mais três edições (1956,

1972 e 1976), Portugal não teve representantes femininas. Só a partir de 1980 começou a haver uma subida gradual do número de portuguesas nos Jogos, de uma (1980) para nove (1984), até 24 (1992); em Londres 2012, a maior representação de sempre teve 32 atletas do sexo feminino.

Los Angeles, em 1984, tornou-se um marco para o desporto feminino em Portugal: não só porque pela primeira vez as mulheres portuguesas participaram em provas de atletismo, como porque daqui viria a primeira medalha, de bronze, conquistada por Rosa Mota, na primeira maratona feminina da história dos Jogos. Trinta e dois anos depois da primeira participação, finalmente o desporto feminino português alcançava uma medalha olímpica!

DE ROSA A VANESSA

Rosa Mota tornou-se um símbolo da mulher portuguesa no desporto. Em criança, corria pelas ruelas da Foz, no Porto, para fugir ao escuro. Então, preferia a natação e o ciclismo, mas acabou por optar pelo atletismo, porque era... mais barato. Em 1980, sofreu de asma de esforço e nada diria que pudesse vir a ter hipóteses nas corridas de longo curso. Porém, acabou por recuperar, graças ao médico e amigo José Pedrosa, que a desafiou a correr a maratona. A campeã revelou-se ao mundo em 1982, quando venceu a prova no Campeonato da Europa, em Atenas.

A partir de então, o percurso de Rosa Mota

foi sempre ascendente, até às medalhas olímpicas: primeiro em Los Angeles (1984), quando terminou em terceiro lugar, numa maratona épica (nesses Jogos, Rosa foi porta-estandarte da comitiva portuguesa na cerimónia de encerramento), e depois a consagração total, em 1988, em Seul, com a medalha de ouro tão esperada. Pelo meio, acumulou inúmeros triunfos em grandes competições internacionais, que a tornaram uma verdadeira lenda para o desporto feminino em Portugal.

Uma lenda tão poderosa que ainda recentemente a sua proeza foi tema de uma peça de teatro, com a participação da própria Rosa Mota. Foi em janeiro, no Teatro Nacional de D. Maria II, em Lisboa. A peça *O Nome da Rosa*, escrita e encenada por Pedro Zegre Penim, esteve em exibição durante quatro dias e lembrou o momento histórico em que uma portuguesa, então com 30 anos, ganhou a medalha de ouro na maratona, em Seul. Atualmente com 58 anos, Rosa teve uma participação em palco de cinco minutos, dizendo-se, em declarações a vários jornais, grata pela memória, mas recusando-se a falar sobre esse momento da sua carreira.

Na verdade, Rosa Mota abriu um caminho para as mulheres portuguesas com a medalha de 1984, em Los Angeles. Nada voltaria a ser igual. Depois do título olímpico em Seul, os Jogos seguintes (Barcelona 1992) conheceriam a maior representação feminina portuguesa até então, com 24 atletas, em sete desportos.

Muçulmanas

Se, em termos gerais, a afirmação das mulheres no movimento olímpico foi um processo complicado, mais complicada ainda tem sido a integração das atletas originárias de países muçulmanos. Após o triunfo da marroquina Nawal El Moutawakel, em Los Angeles 1984, algumas “portas” começaram a abrir-se, e em Atlanta 1996 o Irão teve a sua primeira representante nos Jogos desde a revolução islâmica de 1979, a atiradora Lida Fariman. Uma corredora e uma nadadora do Bahrein em Sydney 2000 e a participação da afegã Robina Jalali, em Atenas 2004, quando correu usando o *hijab* (vestimenta tradicional, que cobre as cabeças das mulheres afegãs), juntaram gradualmente o universo feminino muçulmano a este movimento desportivo, mas cada vez mais social, que desde finais do século XIX procura unir todas as raças e povos do mundo. Em Pequim 2008, os Emirados Árabes Unidos e Omã também enviaram representantes femininas. Em Londres 2012, chegou finalmente a vez de Arábia Saudita, Brunei e Qatar fazerem o mesmo. Nesta última edição das Olimpíadas, apenas três das 204 delegações participantes não incluíram mulheres entre os seus atletas: Barbados, Nauru e São Cristóvão e Névis.

Porém, seria necessário esperar oito anos até Portugal ter uma nova campeã olímpica: seria Fernanda Ribeiro, em Atlanta 1996, ao vencer a prova dos 10 mil metros. Quatro anos depois, em Sydney, Fernanda Ribeiro voltou a conquistar uma medalha, mas desta vez de bronze, ainda nos 10 mil metros. De novo, tiveram de passar oito anos até outra portuguesa conquistar uma medalha olímpica: foi em Pequim 2008, com Vanessa Fernandes a ganhar a prata no triatlo. Em 2012, Portugal apresentou, em Londres, o seu maior contingente feminino de sempre, com 32 mulheres (44% da representação lusa). Nada de medalhas.

A confirmar-se a regularidade de uma medalha “feminina” de oito em oito anos, 2016 será assinalado por nova proeza da representação portuguesa. Num total de 55 vagas conquistadas até meados de março para os Jogos no Rio de Janeiro, Portugal já garantira a participação de 14 mulheres, uma no hipismo e as restantes no atletismo, incluindo Vanessa Fernandes, que tem assim oportunidade de voltar a conquistar uma medalha, desta vez na maratona.

J.S.

